



## O Índio Camarão

Lysias A. Rodrigues\*

Homenagem ao *bravo Dom Antônio Felipe Camarão, governador dos índios que, com seus arcos e flechas, defenderam a fé e a Pátria contra o batavo invasor.*<sup>1</sup> Reproduz matéria comemorativa do 300º aniversário da Primeira Batalha de Guararapes (Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, IGHMB – Ano VIII, nº 13, 1º Semestre de 1948).

O Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, dentro dos altos e patrióticos objetivos que o norteiam, resolveu dar particular destaque às comemorações do tricentenário da Primeira Batalha dos Guararapes, conjuntamente com as mais conceituadas instituições culturais do País, comemorações essas a serem realizadas em 19 de abril, data aniversária dessa memorável batalha.

Memorável, repetimos, porque a Primeira Batalha dos Guararapes foi, sem dúvida alguma, a afirmação

mais decisiva e peremptória da continuação de nossa política intangível, a mais marcante e categórica fixação da continuidade da civilização latina em nossa Pátria, ao mesmo tempo que, dava forma definida e feição inconfundível à idéia nacionalista, caldeada já no fogo e na dor, burilada também no sofrimento e na luta tenaz pelo apego ao torrão natal.

Quiz o destino, marcar particularmente essa batalha, fazendo com que seus chefes representassem as raças várias que se caldeavam indiscriminadamente no *melting pot* étnico extraordinário do Brasil-Colônia.

Além disso, a Primeira Batalha dos Guararapes não foi apenas um mero episódio da guerra para expulsão do invasor holandês. Ela foi, sobretudo, uma vitória decisiva

contra a Holanda, a Espanha, Portugal e autoridades portuguesas no Brasil.

Antes da Primeira Batalha dos Guararapes, já os nacionais haviam mostrado seu valor indômito, sua heroicidade, a decisão de lutar como feras contra os holandeses. A prova é o sítio de Recife, onde os sitiados passavam misérias incriveis.

Diz-nos o Padre Galante: *...os judeus... emprestaram às autoridades cem mil florins com que se pagou às tropas o soldo vencido que só serviram para lhes alegrar a vista porque não havia o que comprar.*

*Cães e gatos, tão numerosos antes da guerra, já não se achavam. Aos ratos tinham dado caça tão porfiada que se extinguiu a raça no Recife. Os cavalos também já tinham comido todos, e os*

\* Brigadouro-do-Ar. Patrono da Cadeira nº 69 do IGHMB

1. Da inscrição mandada gravar no frontispício da Igreja Matriz da Várzea, de Recife, a 14.05.1943, por sugestão do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco.

*negros buscavam os ossos dos que tinham sido enterrados, roendo-os com grande avidez. As faces e os corpos de muitos moradores, principalmente dos escravos, eram como de esqueletos vivos, morrendo não poucos de pura inanição. Aventurar-se além dos muros, à procura de mantimentos, era expor-se à morte certa.*

A Primeira Batalha dos Guararapes foi o coroamento lógico das infelizes investidas de Van Schkoppe contra Olinda, Várzea e Penedo, quando suas tropas, duramente castigadas, tiveram que retornar batidas e desmoralizadas outra vez para Recife.

Antes mesmo de saber-se na Holanda o resultado do ataque de Van Schkoppe à Bahia, já havia o Governo holandês, achando tratar-se dos altos interesses e do decoro da própria República, apoiar decididamente a Companhia das Índias Ocidentais, enviando poderoso reforço às tropas sitiadas em Recife, sob o comando do Almirante Witte Corneliszoon de With, que chegou a Recife a 18 de março de 1648.

A chegada dessa frota a Recife foi esplendorosa. Diz Santiago (citado por Rocha

*Pombo): chegando mais perto do porto do Recife, deram sua salva de artilharia; e quando cada uma nau entrava pela barra, disparava as peças que levava e os soldados (7500, dos quais 6000 tropas do Governo holandês) davam surriadas de mosquetaria, que parecia que o céu vinha abaixo com o estrondo e o estrépito que faziam; correspondeu-lhes o Recife, disparando de todas as suas fortalezas inumeráveis peças de artilharia, fuzilando o ar e ficando o mar claro, que parecia que tudo ardia em fogo vivo, e o fumo tão vasto e espesso que escurecia a claridade do dia; e os holandeses do Recife deram três salvas de mosquetaria, ouvindo-se o eco em partes muito distantes, havendo muitas luminárias e outros fogos festivos nele e na cidade Maurícia, com que bem significavam o contentamento, que tinham, dando-se os flamengos e os judeus os parabéns uns aos outros, por se verem socorridos com tão poderosa armada (60 naus diz Rocha Pombo) fazendo muitas festas e aplausos, tendo já por ganhada e restaurada a campanha, e sujeitos outra*

*vez os moradores, os quais davam por acabados. E bem se pode inferir quão enfadados, tristes e pensativos andariam (os da terra) vendo-se sem socorro de Portugal...*

Pouco depois, Van Schkoppe deliberou romper o sítio e apossar-se da campanha. Seus 6000 homens foram batidos duramente na Primeira Batalha dos Guararapes, seus aguerridos soldados de outras terras sendo vencidos como vencida foi a Holanda.

A Primeira Batalha dos Guararapes foi vitória contra a Espanha, por haver, na sua empáfia e orgulho, assinado o tratado de paz de Munster com a Holanda, no qual ela se atrevia "garantir" à Holanda, quaisquer porções de território do Estado do Brasil porventura conquistados pelos nacionais naquela luta.

Foi vitória contra Portugal, porque o rei e a Corte de Lisboa procuravam, por todos os meios e modos, apaziguar a Holanda, condenando o movimento insurrecional, prometendo castigar exemplarmente os que lutavam pela libertação do jugo holandês, ordenando que se retirassem da campanha os mestres-de-campo, chegando até a substituir o Governador-Geral

Antônio Teles da Silva, acusado pelos holandeses de simpatia pelos revoltosos.

Chegou o rei de Portugal a declarar que: *estava disposto a consentir que se restituíssem à Holanda todas as conquistas feitas pelos insurgentes, fazendo-se retirar da campanha e concluir imediatamente um tratado definitivo de paz.*

Disse o Dr. Arnóbio Wanderley: *até a voz oracular de Vieira hibernou em frias transações com os negociantes de Haia. Se aquela trovão que estremeceu os alicerces da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, se aquela voz se adelgaçou depois nos entendimentos com a judiaria de Amsterdam e nos "prudentes" conselhos do Paço d'El Rei, se o sacerdote nos deixou, honra seja feita aos fiéis de Pernambuco..... não pudemos contar com a voz ardente e patriótica de Vieira quando mais dela precisávamos!...*

A própria esquadra de socorro, tão prometida e que de Portugal assegurava trazer socorros para os insurgentes, veio sob o comando de Salvador Corrêa, mas trazia *carta de prego* com ordem de ir conquistar a Angola, o que de fato ele fez.

Foi assim Portugal, sem rei e sua Corte, vencido também, nessa luminosa Batalha dos Guararapes, de 19 de abril de 1648.

Foi vitória contra as autoridades portuguesas no Brasil, porque Southey nos conta que a Bahia estava fartamente abastecida de víveres, armamentos, munições etc., e, apesar dos constantes apelos, das instantes súplicas dos que combatiam o invasor holandês, jamais receberam o menor auxílio dela.

O Governador-Geral estava tão persuadido – como o rei de Portugal e sua Corte – da impossibilidade de os insurgentes vencerem os holandeses, que a um angustiioso apelo mais recebido, ante a ameaça da marcha de Van Schkoppe sobre Moribeca, teve o único gesto de enviar o Capitão Pero de Miranda com 200 homens para a margem direita do Rio S. Francisco, não para ajudar os insurgentes, mas apenas para acolher os fugitivos que porventura se houvessem salvo do morticínio que ele esperava. Essa foi sempre a atitude das autoridades coloniais portuguesas no Brasil, contra as quais os insurgentes marcaram esplêndida vitória na Primeira Batalha dos Guararapes.

E quem eram os chefes desses bravos lutadores contra o jugo holandês?

A instrução no Brasil tem andado por obscura via e esconsas picadas. Durante anos, acharam que a História do Brasil não precisava ser bem conhecida dos brasileiros. Para que saber dos incontáveis heróis que fulgem em suas páginas? Para que evocar as esplêndidas vitórias que com tanto sacrifício, com tanto patriotismo eles conquistaram, dando seu sangue e suas vidas? Para que criar um espírito sadio de amor à Pátria?

E os *luminares* não hesitaram em praticar o crime de lesa-Pátria de relegar esse estudo da História do Brasil, que só pode nos orgulhar, a um mero e insignificante capítulo da História Universal. Mercê de Deus esse pesadelo passou.

Hoje, é com doloroso sentimento que ainda verificamos mal saberem os que estudam no Brasil o nome desses bravos de 1648.

É-nos grato contribuir para o conhecimento desses heróis brasileiros, paradigmas da honra e do patriotismo, cujas biografias precisam ser conhecidas por todos os brasileiros.

A escassez do espaço que nos concedem força-nos hoje

a limitarmos nosso estudo a um rápido bosquejo da vida extraordinária de Antônio Felipe Camarão, a nosso ver o fator mais decisivo daquela espetacular vitória de 19 de abril de 1648.

O Governador de Pernambuco por ocasião da invasão holandesa, Mathias de Albuquerque, neto de Duarte Coelho, antigo donatário, não dispondo de meios de defesa, foi forçado a retirar-se para o interior com os homens que pode reunir e quatro peças.

Junto aos Rios Capiberibe e Parnamirim encontraram uma posição adequada, onde se instalaram; desde logo fez anunciar a todos que estava disposto a resistir aos holandeses e contava que todos vissem ajudá-lo nesse patriótico mister, que era também uma luta religiosa.

Entre os primeiros chegados, acompanhados de grande número de índios, estava Potiguassu, tucháua dos Potiguaras, um índio de pequena estatura, como os de sua tribo, cabelos escorridos, pele acobreada, bem feito de corpo, e que sabia ler e escrever bem, e até sabia latim.

Nascido e criado na aldeia de Seri, nas terras de Igarassu, fora educado pelos jesuítas, que o fize-

*ram cristão, e a quem ele sempre deu as maiores provas de apreço e estima, e, que por eles fora batizado com nome de Antônio Felipe Camarão.*

Camarão gostava da luta, mas era afável no trato. Conhecedor da guerra, mostrou-se um guerreiro esplêndido. Foi ele, provavelmente, quem fez ver, a Mathias de Albuquerque, que era fácil tornar impossível a vida dos holandeses fora de Recife. A ele e aos seus bravos índios foi dada a incumbência de não dar tranqüilidade aos holandeses tornando o interior perigoso, mortal a quem nele ousasse entrar. E assim Camarão o fez.

Diz Wanderley: *todos os dias se lutava e todas as horas se estava atento para entrar em luta. Se o holandês se aventurava a afastar-se de suas fortalezas, logo o surpreendiam os da terra. Se o flamengo levantava a mão para colher uma fruta, logo uma flechada lhe varava o punho. Afastava-se ele à procura de lenha ou de mantimentos? Inúmeras emboscadas o assaltavam e, as vezes, a terra fugia-lhe aos pés em alçapões mortíferos. Ao invasor nada se permitiu usufruir da conquista.*

A tal sorte foi essa campanha de Camarão e seus índios, que em pouco os holandeses estavam sitiados em suas fortalezas, e vivendo só do que lhes mandava a Holanda. E eram poucos os navios que de lá vinham. Em breve a situação tornou-se grave, tanto mais que as águas de poço eram salobras.

Camarão em breve tornou-se um terror para os holandeses. Diz o autor do Valeroso Lucideno que *tanto mal fez ao inimigo, que sonhava com ele de sobresalto: fazia-lhe emboscadas de consideração e dava-lhe venturosos assaltos; e até fossos muito fundos lhe mandava fazer por os caminhos e veredas, com muito estrepe fundo para que, saindo o inimigo fora deles caísse, como caíram muitos e por muitas vezes...*

E tantas bravesas e obras heróicas fez no decurso dessa guerra esse Antônio Poti (ou, o que tanto monta, Camarão) que Sua Magestade lhe deu Dom e o fez Cavaleiro do Hábito de Cristo, e lhe deu o título de Governador e Capitão-General de todos os índios do Estado do Brasil.

Camarão enfrentou continuamente os mais destacados generais holandeses, sol-

dados aguerridos das terras européias, vencendo-os sempre.

No Istmo de Olinda, enfrentou o General Henrick Lonk, dizimando seus soldados e ferindo-o no ombro, só não o fazendo prisioneiro por dispor Lonk de um bom e veloz cavalo. Derrota memorável inflingiu ele ao General Van Schkoppe, quando este foi atacar o Forte Real, em 18 de agosto de 1633. O General Artichofsky, ao atacar Goiana, foi por ele também vencido e ao chegar a Apipucos, declarou pesaroso: *há mais de 40 anos milito na Polônia, na Alemanha e nos Flandres, ocupando sem interrupção postos honrosos; só o índio brasileiro Camarão me veio abater o orgulho fazendo-me perder a reputação e o nome ganho e conservado por tantos anos.*

Em Água Fria, apanhou, em emboscada que ficaram famosas, os holandeses que marchavam para atacar o Arraial.

Os postos de luta escolhidos e pedidos por Camarão eram sempre os de maior perigo. Não há um só historiador, mesmo e principalmente entre os inimigos, que não exalte incondicionalmente, o valor e a coragem desse indômito guerreiro índio.

O General Rojas y Borjas não foi vencido e destruído, graças ao oportuno e precioso socorro de Camarão, que com *habilíssimas manobras* o salvou, no ataque a Mata Redonda, em 1636.

Camarão e seu terço de índios viveram até 1639 em contínuas guerrilhas com os holandeses, percorrendo toda província de Pernambuco, segundo Pereira da Costa: *varrendo com a sua espada tudo o que encontrava destruindo tudo o que pertencia ao inimigo.* Em 1639, segue para a Bahia e, daí, volta a Sergipe onde se instala, provavelmente para refazer-se de tantos anos de luta.

Aí o foi encontrar, em 1645, o próprio enviado por João Fernandes Vieira, com uma carta em que este o conclamava de novo para a luta. O *Castrioto Lusitano* informa que: *com seu costume de valor e zelo, Antônio Felipe Camarão respondeu à carta de João Fernandes Vieira, dizendo-lhe nela que sem dilação se punha a caminho com seu terço de índios, primeiro a obedecer ao gosto que sempre tivera de o servir; e logo ao interesse que alcançava, em ajudar em tão gloriosa empresa; e que desde ali lhe rendia as graças da parte*

*que nela lhe queria dar.* Retido por uma grande enchente do S. Francisco, Camarão não pode chegar a tempo de tomar parte na Batalha das Tabocas, mas chegou a tempo de lutar na Batalha da Casa Forte que consolidou aquela.

Logo após, Camarão segue para a Paraíba e o Rio Grande do Norte, em missão libertadora e punitiva, além de coletar mantimentos, mas, quando Van Schkoppe procurou atacar o Arraial Novo de Bom Jesus, quem primeiro se lhe atravessou no caminho foi Camarão, já de volta dessa excursão. A bravura e o ímpeto com que Camarão o atacou, obrigaram Van Schkoppe bater em retirada, deixando o campo de luta repleto de cadáveres e armas.

São de Fernandes Pinheiro estas palavras: *encheríamos volumes se quiséssemos historiar todos os encontros em que o intrépido caudilho se avantajava sobre nós, dizer que não houve uma só ação em que não sentissem os batavos o peso de seu braço; empalidecendo ao ouvir o seu nome aqueles mesmos que nas águas de Zuiderzee haviam submergido os braços de Castela. Diga-o Cunhaú, onde capitaneando 350 índios e 250 portugue-*

*ses, pôs em completa debandada os inimigos, arrazando as trincheiras que com tanto afã haviam construído, juncando o campo de mortos e feridos; digam-no finalmente os Montes Guararapes, essas Termópilas Pernambucanas que, a 19 de abril de 1648, contemplaram o denodo com que, pelejando na ala direita do exército libertador, fez fugir diante dos seus carijós os aguerridos soldados de Segismundo (Van Schkoppe).*

Quatro meses depois da Primeira Batalha dos Guara-

rapes, vítima de febres malígnas, falecia Dom Antônio Felipe Camarão, com 70 anos de idade. Foi enterrado na Igreja Matriz da Várzea, de Recife. A 14 de maio de 1943, por sugestão do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, foi colocado no frontispício dessa Matriz uma placa de bronze, com os seguintes dizeres:

*Nesta igreja foi sepultado, em 1648, após a primeira vitória dos Guararapes, o bravo Dom Antônio Felipe Camarão, Governador dos índios que, com seus arcos*

*e flechas defenderam a Fé e a Pátria contra o batavo invasor.*

Assim viveu e morreu esse vulto formidável de nossa História, que foi Potiguassu, cujos feitos são padrão de glórias para o Brasil. Cultuemos sua memória, exaltemos seus feitos e, sobretudo, procuremos incutir na juventude brasileira o espírito de luta, de destemor, de bravura e patriotismo de que fez gala, com larguesa, Dom Antônio Felipe Camarão, Governador e Capitão General de todos os índios do Estado do Brasil. 